

David A. Whetten

O QUE CONSTITUI UMA CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA?

RAE - Revista de Administração de Empresas, vol. 43, núm. 3, julio-septiembre, 2003, pp. 69-73,

Fundação Getulio Vargas

Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155117963007>



RAE - Revista de Administração de Empresas,

ISSN (Versão impressa): 0034-7590

rae@fgv.br

Fundação Getulio Vargas

Brasil

Como citar este artigo

Fascículo completo

Mais informações do artigo

Site da revista

www.redalyc.org

Projeto acadêmico não lucrativo, desenvolvido pela iniciativa Acesso Aberto



O QUE CONSTITUI UMA CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA?

David A. Whetten*
Brigham Young University

INTRODUÇÃO

Desde que me tornei editor da *Academy of Management Review* – AMR – tenho tentado encontrar uma maneira simples de comunicar os ingredientes necessários de uma contribuição teórica. Existem diversas e excelentes investigações sobre essa questão, mas tipicamente envolvem termos e conceitos difíceis de serem incorporados à comunicação diária com os autores e avaliadores. Minha experiência tem sido a de que as estruturas atuais tendem mais a obscurecer do que a esclarecer seu significado. Além disso, os trabalhos de Kaplan, Dubin e outros sobre o assunto variam amplamente na academia.

Este artigo é um esforço rudimentar para preencher tal lacuna: o objetivo não é criar uma nova conceitualização teórica, mas sim propor uma série de simples conceitos para discussão do processo de desenvolvimento de teoria. Trata-se de uma reflexão pessoal que emergiu de minhas atividades editoriais diárias. Minha motivação é facilitar os problemas de comunicação referentes a expectativas e padrões, que resultam da ausência de uma estrutura amplamente aceita para discussão da qualidade da produção conceitual nas ciências organizacionais.

Por fim, meus comentários não devem ser interpretados como um dogma oficial da AMR nem como regras rígidas que governam o processo de avaliação. Cada artigo submetido é único e é julgado por suas próprias qualidades. No entanto, meu pensamento foi claramente influenciado pelas centenas de comunicações que li na primeira metade de meus anos como editor.

Este artigo está organizado em torno de três questões-chaves: a) Quais são os blocos de construção para o desenvolvimento de teoria?; b) O que é uma contribuição legítima e que agrega valor ao desenvolvimento de teoria?; e c) Quais os fatores considerados na avaliação de artigos conceituais? A primeira seção descreve os elementos que constituem uma teoria. A segunda utiliza essa estrutura para estabelecer padrões para o

processo de desenvolvimento de uma teoria. E a terceira seção resume as expectativas dos avaliadores com relação às contribuições substanciais e à adequação dos artigos da AMR.

QUAIS SÃO OS BLOCOS DE CONSTRUÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE TEORIA?

De acordo com autoridades no desenvolvimento de teorias (por exemplo, Dubin, 1978), uma teoria completa deve possuir quatro elementos essenciais, que são descritos nos parágrafos abaixo.

O quê

Quais fatores – variáveis, construtos, conceitos – logicamente devem ser considerados como parte da explicação do fenômeno social ou individual em questão? Existem dois critérios para julgar se incluímos os fatores “certos”: abrangência – isto é, todos os fatores relevantes foram incluídos? – e parcimônia – isto é, alguns fatores devem ser excluídos por acrescentarem pouco valor adicional para nosso entendimento?

Quando os autores começam a mapear conceitualmente um determinado assunto, eles deveriam errar a favor de incluir fatores a mais, reconhecendo que, com o passar do tempo, suas idéias serão refinadas. Geralmente é mais fácil excluir elementos não necessários ou inválidos do que justificar adições. No entanto, isso não deve ser interpretado como uma licença para jogar tudo ralo abaixo. Sensibilidade para as virtudes competitivas da parcimônia e da abrangência é a marca de um bom teórico.

Como

Tendo identificado um grupo de fatores, a próxima pergunta do pesquisador é: como eles estão relacionados? Operacionalmente, isso envolve usar “setas” para conectar as “caixas”. Esse passo adiciona ordem à conceitualização,





FÓRUM DESENVOLVIMENTO DE TEORIA · O QUE CONSTITUI UMA CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA?

delineando padrões explicitamente. Além disso, ele tipicamente introduz causalidade. Apesar de o pesquisador poder não estar apto para testar adequadamente essas conexões, restrições nos métodos não invalidam a natureza causal inerente à teoria.

Juntos, os elementos “o quê” e “como” constituem o domínio ou o conteúdo da teoria. Quanto mais complexo o grupo considerado de relacionamentos, mais proveitoso é representá-los graficamente. Nem todas as produções teóricas precisam conter figuras, caixas e setas, mas uma representação visual frequentemente clareia o pensamento do autor e aumenta a compreensão do leitor. Particularmente, modelos formais ajudam os desenvolvedores de teoria e os usuários a avaliarem o equilíbrio entre parcimônia e completude.

Por quê

Quais são as dinâmicas psicológicas, econômicas ou sociais fundamentais que justificam a seleção de fatores e as relações de causalidade propostas? Essa lógica constitui as suposições da teoria – a “liga” que unifica o modelo. (Como Dubin, não faço distinção entre um modelo e uma teoria).

A questão central aqui colocada é: por que os colegas deveriam dar crédito a essa específica representação do fenômeno? A resposta pode ser encontrada na lógica que fundamenta o modelo. A solidez de visões fundamentais na natureza humana, de requisitos organizacionais ou de processos sociais fornece a base para o julgamento da racionalidade da conceitualização proposta.

Durante o processo de desenvolvimento da teoria, a lógica substitui os dados como base para avaliação. Teóricos precisam convencer os outros de que suas proposições fazem sentido se pretendem ter impacto na prática da pesquisa. Se o modelo teórico funciona como um guia útil para pesquisa, por definição, todas as relações do modelo não foram testadas. Se todas as conexões foram testadas empiricamente, o modelo está pronto para a sala de aula e possui pouco valor para o laboratório. A missão de um periódico de desenvolvimento de teorias é desafiar e estender o conhecimento existente, e não simplesmente reescrevê-lo. Assim, autores deveriam forçar as fronteiras de nosso conhecimento, fornecendo justificativas lógicas e convincentes para as visões diferentes. Isso implica explicar os “por quês”, tendo como base os “o quês” e “comos”.

O porquê da pesquisa ter sido conduzida possui implicações importantes para a ligação entre o desenvolvimento da teoria e a pesquisa de campo. A combinação dos “comos” e “o quês” produz o modelo típico por meio do qual podem derivar proposições passíveis de serem testadas – a principal diferença entre proposições e hipóteses é que proposições envolvem conceitos, enquanto hipóteses requerem medidas. Tecnicamente,

essas afirmações –, por exemplo, A é causado por B – podem ser testadas sem que se tenha de entender os “por quês” que fundamentam o modelo. No entanto, isso tende a levar a discussões sobre as implicações do resultado de um estudo dominadas pelo fator empírico e não teórico. No campo de pesquisa, quando temos compreensão insuficiente do porquê, começamos coletivamente uma jornada de investigação, ou qual o direcionamento teórico estamos seguindo, nosso discurso tende a degenerar-se em calorosos debates metodológicos sobre a velocidade com que estamos avançando nesse campo. Para evitar discussões em vão, as proposições devem ser tão bem fundamentadas nos “por quês” quanto nos “comos” e nos “o quês”.

Em resumo, “o quê” e “como” descrevem; somente o “por quê” explica. “O quê” e “como” fornecem uma estrutura para padrões de interpretação, ou discrepâncias em nossas observações empíricas. Essa é uma importante distinção, pois os dados, sejam eles quantitativos ou qualitativos, descrevem; e a teoria fornece explicação para as características. Assim, devemos ter a certeza de que o que está sendo tido como boa teoria inclua explicações plausíveis e convincentes do porquê devemos esperar determinados relacionamentos em nossos dados. Juntos, esses três elementos fornecem os ingredientes essenciais de uma teoria simples: descrição e explicação.

Um comentário adicional sobre o uso das proposições está em discussão. Nem todas as contribuições teóricas genuínas e autênticas requerem proposições, e nem todos os artigos precisam seguir o mesmo formato. No entanto, quando o objetivo de um artigo é apresentar uma nova posição teórica ou chamar para discussão a estrutura fundamental de uma teoria existente, proposições pesquisáveis são muito úteis. Elas forçam o autor a pensar sobre as aplicações concretas de um pensamento novo ou revisado e aumentam a probabilidade de que pesquisas subsequentes venham a constituir testes válidos sobre os principais argumentos do autor. Se as proposições forem usadas, elas devem se limitar a especificar as implicações logicamente deduzidas para a pesquisa de um argumento teórico. (Alguns autores utilizam erroneamente as proposições para sumarizar um corpo literário).

Quem, onde e quando

Essas condições colocam limitações nas proposições geradas de um modelo teórico. Tais fatores temporais e contextuais delimitam as fronteiras da generalização e, assim, constituem o alcance e a extensão da teoria. Estudiosos dos efeitos do tempo e do contexto nas pessoas e nos eventos continuam formulando questões como “suas previsões funcionariam no Japão, com uma população operária ou em períodos distintos de tempo?”. Infelizmente, poucos teóricos focam explicitamente nos limites conceituais de suas proposições. Em seus esforços para entender um fenômeno social, eles tendem a





DAVID A. WHETTEN

considerá-lo somente em torno daquilo que lhes é familiar e em um período específico de tempo.

Apesar de ser injusto esperar que teóricos sejam sensíveis a todas as possíveis restrições impostas pelos fatores temporais e contextuais, claramente há valor em conduzir testes mentais simples de generalização das proposições principais. Por exemplo, os teóricos deveriam ser encorajados a pensar se seus efeitos teóricos variam com o passar do tempo, seja porque outras variáveis dependentes do tempo são importantes para a teoria em questão, ou porque os efeitos teóricos são instáveis por alguma razão.

Sensibilidade ao contexto é especialmente importante para teorias baseadas na experiência. De acordo com a perspectiva contextualista (Gergen, 1982), o significado deriva do contexto. Isto é, entendemos o que está acontecendo ao observar onde e quando está acontecendo. Observações estão encravadas e devem ser entendidas dentro de uma determinada conjuntura. Assim, autores de teorias geradas de forma indutiva têm uma responsabilidade especial de discutir os limites da generalização.

Apesar de ser importante que os teóricos sejam sensíveis ao contexto, o “quem”, o “onde” e o “quando” de uma teoria são tipicamente descobertos por meio de testes subsequentes das informações iniciais – “o quê”, “como” e “por quê”. Durante o processo de teste dessas idéias em diferentes cenários, descobrimos as condições limitantes inerentes. Na ausência dessas evidências experimentais, devemos ser realistas com relação a todas as possíveis limitações da aplicabilidade da teoria.

O QUE É UMA CONTRIBUIÇÃO LEGÍTIMA E QUE AGREGA VALOR AO DESENVOLVIMENTO DE TEORIA?

A maioria dos estudiosos organizacionais não irá formular uma teoria a partir do zero. Ao invés disso, eles geralmente trabalham na melhoria daquilo que já existe. Nesse contexto é freqüentemente difícil julgar o que constitui uma contribuição suficiente para garantir publicação em um periódico sobre teorias, como a *AMR*. No entanto, os elementos que constituem teorias sociais, descritos nas seções precedentes, sugerem um grupo de critérios para se fazer julgamentos editoriais.

O quê e como

Apesar de, a princípio, ser possível fazer uma contribuição teórica importante simplesmente por meio da adição ou subtração de fatores – “o quês” – de um modelo já existente, esse processo raramente satisfaz os avaliadores. As adições ou sub-

trações tipicamente propostas não possuem magnitude suficiente para alterar de modo substancial a lógica principal do modelo existente.

Uma maneira de se demonstrar o valor de uma mudança proposta em uma lista de fatores é identificar como essa mudança afeta os relacionamentos aceitos entre as variáveis – “comos”. Assim como uma lista de variáveis não constitui uma teoria, a adição de uma nova variável a uma lista existente não deve ser entendida como uma contribuição teórica. Relacionamentos, não listas, são o escopo da teoria. Como Poincaré (1983) notou, “ciência é fatos, assim como casas são feitas de pedra... Mas uma pilha de pedras não é uma casa, e uma coleção de fatos não é necessariamente ciência”. Assim, *insights* teóricos advêm da demonstração de como a adição de uma nova variável altera significativamente nosso entendimento do fenômeno por meio da reorganização de nossos mapas causais. Por exemplo, a adição de “forças necessárias ao crescimento” às teorias de *job-design* transformou as visões atuais e alterou a prática da pesquisa (Hackman e Lawler, 1971).

Mudanças importantes no “o quê” e no “como” de uma teoria são freqüentemente estimuladas por resultados surpreendentes. Durante o processo de reunir tanto dados quantitativos quanto qualitativos, os estudiosos são freqüentemente confrontados com a inconsistência entre suas observações e o conhecimento convencional. Apesar de os resultados contrários serem freqüentemente desconsiderados pelos teóricos justificando-os como erros de medida, desafios aos pensamentos antigos sobre motivação (Organ, 1988) demonstram que dados suficientes podem ser persuasivos.

Por quê

Esse é provavelmente o caminho mais frutífero, mas também o mais difícil do desenvolvimento teórico. Tal caminho normalmente envolve emprestar a perspectiva de outros campos, o que encoraja a alteração de nossas metáforas e *gestalts*, de forma a desafiar os raciocínios fundamentais que suportam as teorias aceitas. Esse profundo desafio às nossas visões da natureza humana, ao desenvolvimento de grupo, às transações organizacionais, e assim por diante, geralmente antecipa uma ampla reconceitualização das teorias afetadas.

Esse aspecto de desenvolvimento conceitual é especialmente crítico e geralmente negligenciado. As teorias são freqüentemente desafiadas porque suas suposições têm sido provadas irrealis – geralmente por intermédio de trabalhos importados de outras áreas. Apesar de ser tão difícil construir consenso tanto com relação à verdade paradigmática quanto a fatos empíricos, recentes desenvolvimentos macro-teóricos envolvendo ecologia e economia demonstram a relevância dessa abordagem (Hannan e Freeman, 1989; Ouchi e Barney, 1986).





Quem, quando, onde

Geralmente é insuficiente apontar as limitações nas concepções atuais sobre as delimitações da aplicabilidade de uma teoria. Por exemplo, a descoberta de que o principal modelo de seleção de pessoal tem baixa validade em uma configuração militar não constitui uma contribuição teórica por si só. Além disso, os teóricos precisam entender por que essas anomalias existem, para que possam revisar o “como” e o “por quê” do modelo e acomodar essa nova informação.

De modo contrário, a aplicação de um modelo antigo em uma nova configuração, mostrando que ele funciona como esperado, não é instrutivo – não ensina nada de novo – por si só. Essa conclusão tem mérito teórico somente se algo sobre a nova configuração sugerir que a teoria não deveria funcionar sob tais condições. Em outras palavras, é preferível que se investiguem mudanças qualitativas nas delimitações da teoria – aplicações sob condições qualitativamente diferentes –, ao invés de meras expansões quantitativas. Dois exemplos dessa abordagem são as análises de Maruyama, a respeito teorias de administração do oeste no contexto da cultura do leste (1984), e Whetten, sobre a teoria organizacional orientada ao crescimento sob condições de declínio (1980).

O elemento comum para avanço do desenvolvimento de uma teoria por meio do emprego da mesma em uma nova configuração é a necessidade de ciclos de *feedback*. Teóricos devem aprender alguma coisa nova sobre a teoria como resultado de trabalhá-la sob diferentes condições. Isto é, novas aplicações devem melhorar a ferramenta, não somente reafirmar sua utilidade.

Três amplos temas suportam esta seção: primeiro, as melhorias propostas que se refiram somente a um único elemento de uma teoria existente são raramente julgadas como sendo suficientes. Assim, uma regra geral é a de que críticos devem focar em múltiplos elementos de uma teoria. Essa abordagem adiciona as qualidades de completude e profundidade ao trabalho teórico.

Segundo, críticos teóricos deveriam organizar evidências convincentes. Essas evidências podem ser lógicas – por exemplo, a teoria não é internamente consistente –, empíricas – suas previsões são inconsistentes com os dados acumulados de diversos estudos –, ou epistemológicas – suas suposições são inválidas, dadas as informações de outro campo.

Terceiro, em geral, críticas teóricas deveriam propor correções ou alternativas. Apesar de podermos pensar nas críticas clássicas na história da ciência que possuem seus próprios méritos, o típico debate em nosso campo está menos claramente definido. Conseqüentemente, os críticos deveriam compartilhar responsabilidade e habilidade de produzir melhores conceitualizações. Do contrário, é difícil saber se o original é de fato inferior ou simplesmente o melhor que podemos fazer em um mundo tão complexo.

QUAIS OS FATORES CONSIDERADOS NA AVALIAÇÃO DE ARTIGOS CONCEITUAIS?

Até agora, examinamos as qualidades inerentes de um argumento teórico. Além disso, avaliadores consideram outros fatores, incluindo clareza de expressão, impacto em pesquisa, oportunidade e relevância.

A seguinte lista de sete principais questões, aproximadamente na ordem de frequência em que são consideradas, sumariza as preocupações mais frequentemente consideradas pelos avaliadores. Essas questões cobrem ambos os temas substanciais discutidos nas duas primeiras seções e diversas considerações sobre formatação. Juntos, eles compõem uma resposta resumida para a ampla questão: o que constitui um artigo publicável sobre teoria?

1. *O que é novo?* O artigo faz uma contribuição teórica significativa e que agrega valor ao pensamento atual? Os avaliadores não estão necessariamente procurando por teorias totalmente novas. No entanto, modificações ou extensões de teorias atuais devem alterar de maneira importante a visão existente dos estudiosos. As mudanças propostas podem ser reguladas em termos de escopo e grau. O escopo tende a refletir o nível de teorização – geral *versus* nível médio –, enquanto o grau reflete o quão radical é a proposta. Em geral, o escopo – quanto do campo é impactado – é menos importante na determinação da qualidade de uma contribuição do que o grau – quão diferente isso é do pensamento atual.
2. *E daí?* A teoria provavelmente mudará a prática da ciência organizacional nessa área? As ligações para pesquisa são evidentes (seja explicitamente dispostas em ordem, ou deduzidas de forma fácil e confiável)? O artigo vai além das afirmações simbólicas sobre o valor de se testar ou usar essas idéias? As soluções propostas para correção apontaram deficiências nas teorias atuais? Essas questões são menos apropriadas para artigos raros, altamente conceituais e que objetivam mudar o modo como os estudiosos pensam, em geral. No entanto, o objetivo do artigo teórico padrão deve ser alterar a prática da pesquisa, não simplesmente criticar superficialmente um modelo conceitual, de forma que as conseqüências sejam apenas pequenas.
3. *Por que dessa forma?* A lógica que fundamenta o artigo e as evidências que o suportam são convincentes? As suposições do autor são explícitas? As visões do autor possuem credibilidade? Artigos sobre desenvolvimento de teoria devem ser construídos com base em argumentos convincentes e fundamentados em visões explícitas e sensatas da natureza humana e da prática organizacional.
4. *Bem feito?* O artigo reflete um pensamento atual, transmite completude e profundidade? Os múltiplos elementos teó-





DAVID A. WHETTEN

ricos – “o quê”, “como”, “por quê”, “quando-onde-quem” – são considerados, dando ao artigo uma qualidade conceitual bem acabada ao invés de superficial? Os argumentos refletem um entendimento amplo e atual do objetivo? Se as proposições estão incluídas, elas estão sendo utilizadas de maneira apropriada? O argumento tem alguma falha lógica evidente? Parece que o autor desenvolveu esse pensamento durante um longo período de tempo, informado por considerações de seus pares?

5. *Bem elaborado?* O artigo está bem escrito? Ele flui logicamente? As idéias centrais são facilmente acessíveis? Ele é agradável de se ler? O artigo é longo o bastante para cobrir o objetivo, mas curto o suficiente para ser interessante? A aparência do artigo reflete altos padrões profissionais? O formato e o conteúdo do artigo são consistentes com as especificações nas notas aos colaboradores?
6. *Por que agora?* Esse tópico é de interesse contemporâneo para os estudiosos nessa área? Ele provavelmente contribuirá para o avanço das discussões atuais, estimulando novas discussões ou revitalizando antigas? Avaliadores dão notas baixas a artigos que eles julgam redundantes, desconexos ou antiquados.
7. *Quem se importa?* Qual percentagem de leitores acadêmicos está interessada nesse tópico? Um artigo pode ser tecnicamente adequado, mas inerentemente desinteressante para a maioria da audiência. Espera-se que artigos escritos de forma pouco atraente façam uma contribuição maior quanto aos critérios 1 e 2, isto é, espera-se que contribuam mais ao pensamento atual e à prática de pesquisa. Em geral, até mesmo artigos altamente especializados deveriam estar ligados aos principais conceitos e problemas organizacionais e administrativos. De modo contrário, eles são mais apropriados periódicos específicos da disciplina.

CONCLUSÃO

O processo de desenvolvimento de teoria e os critérios para julgar uma contribuição teórica precisam ser amplamente entendidos e aceitos, de forma que editores e colaboradores possam se comunicar efetivamente. Espera-se que esse breve artigo venha a facilitar esse processo. Incito os leitores a ajudarem no desenvolvimento adicional de estru-

turas para descrever e aumentar essas importantes atividades acadêmicas. Artigos que estejam no processo de construção de novas teorias e de melhoria de teorias existentes são sempre bem-vindos.

Artigo traduzido por Rebeca Alves Chu.

Texto convidado. Aprovado em 10.04.2003.

Notas

Gostaria de agradecer Andrew Van de Ven, Richard Klimoski, Kim Cameron, Huseyin Leblebici, Graham Astley, Jack Britain, Artur Bedeian, Donald Hellreigel e Steven Kerr por suas sugestões e comentários.

*Á época da publicação deste artigo, David A. Whetten atuava como editor da AMR e estava associado à University of Illinois.

Artigo publicado originalmente na *Academy of Management Review*. v. 14, n.4, p. 490-495, October 1989.

Copyright 2003 Academy of Management. Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste artigo pode ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem permissão por escrito da Academy of Management. Portanto, caso tenha interesse na obtenção de separatas, solicitar permissão à Copyright Clearance Center: www.copyright.com.

Referências Bibliográficas

- DUBIN, R. *Theory Development*. New York: Free Press. 1978
- GERGIN, K. *Toward transformation in social knowledge*. New York: Springer-Verlag. 1982.
- HACKMAN, J.R.; LAWLER III, E.E. Employee reactions to job characteristics. *Journal of Applied Psychology Monograph*, n. 55, p. 259-286. 1971.
- HANNAN, M. T. e FREEMAN, J. *Organizational ecology*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1989.
- MARUYAMA, M. Alternatives, concepts of management: Insights from Asia and Africa. *Asia Pacific Journal of Management*, 1, 100. 1984.
- ORGAN, D.W. A restatement of the satisfaction performance hypothesis. *Journal of Management*, 14, 547-558. 1988.
- OUISCHI, W.G., & BARNEY, J.B. *Organizational economics*. San Francisco: Jossey-Bass. 1986.
- POINCARÉ, J.H. *La science et l'hypothèse* [The science and the hypothesis]. Paris: E. Flammarion. 1903.
- WHETTEN, D.A. Organizational decline: A neglected topic in organizational science. *Academy of Management Review*. n.5, p. 577-588. 1980.

David A. Whetten

Diretor do *Faculty Center* da Brigham Young University.

Email: d_whetten@byu.edu

Endereço : 4450 WSC. .Brigham Young University. Provo, Utah 84602.

